

teu escravo fiel durante cinco anos, ó Cíntia, mas agora acabou”, não concluiremos daí que sua ligação com o modelo de Cíntia tinha começado cinco anos antes; mas somente que a publicação dos três livros que tinham como título Cíntia tinha-se estendido por cinco anos da vida do poeta.

Que o leitor fique tranqüilo: a ironia elegíaca é normalmente mais sutil do que esses jogos “de segunda categoria”, como se diz. O que nossos poetas dizem parece ser a expressão da mais viva paixão; é a maneira de dizer isso que desmente esta aparência: falta-lhe naturalidade deliberadamente. A questão de sua sinceridade última está longe de ser decidida por esse motivo, mas torna-se mais difícil. De fato, é mais difícil ver como um quadro é pintado do que ver o que ele pretende representar e que de início salta aos olhos. Eu era jovem professor e o programa de agregação me levava a explicar Tibulo; li-o, consultei tudo o que pude da bibliografia e comecei a comentar uma de suas elegias e a analisar a alma do poeta no curso. E eis que, à medida que a hora passava, um mal-estar tomava conta de mim ao ouvir o som de minhas próprias palavras: como não se tinha visto que o rei estava nu e que tudo o que eu repetia, depois de tantos outros, sobre nosso poeta caía por terra? Em seus ternos e apaixonados versos, é difícil pensar que o poeta não é sincero, mas não menos difícil não suspeitar que ele está representando; os detalhes são frequentemente verdadeiros e o conjunto soa como falso. Esses gritos de ciúme, de desespero, que se interrompem ao fim de dois versos, para dar lugar a uma voz sentenciosa, à qual logo sucede uma alusão de mitologia galante... A elegia romana se assemelha a uma montagem de citações e de gritos do coração;¹ essas mudanças de tom muito bem controladas não tentam nem mesmo fazer-se passar por efusões líricas; o poeta busca sobretudo a variedade. Ele não se recusa nenhum atrativo, nem mesmo o de alguns versos ardentes, com a condição de que a queimadura permaneça em seu devido lugar e que, nesse mosaico, ela seja enquadrada por outros materiais que a

(1) J.-P. Boucher, *Études sur Propertius: Problèmes d'Inspiration et d'Art*, Paris, De Boccard, 1965, p. 443: “Um fundo bem distante de sentimentos pessoais exprime-se através de quadros literários sob uma forma que na realidade é muito impessoal apesar da narração na primeira pessoa”.

fazem perder o caráter real; o próprio movimento do poema, bem composto, retira-lhe até a aparência de uma confiança.

O poema que vamos ler (Propércio, II, 28) dará uma idéia desta arte estranha onde a sinceridade não está onde se esperaria que estivesse. Supõe-se que Propércio esteja sofrendo por causa de uma doença mortal de sua Cíntia; apreciaremos como ele arranja esses versos humorísticos e cheios de mitologia galante, onde o perigo mortal que a bem-amada corre permite que seu adorador brinque sobre os falsos juramentos de amor, sobre as rivalidades das amantes, que falam mal umas das outras, sobre as crenças ingênuas do povo que aprova ou critica a conduta dos deuses no tom com que se fala do governo, sobre a devoção das mulheres que fazem voto de consagrar a Io, sua deusa, um certo número de noites de castidade:

“Júpiter, tem enfim piedade de uma moça doente: se uma mulher tão bela morrer serás criticado por isso. Pois esta é a estação em que o ar está fervendo, é a canícula, a terra está quase incendiada. Mas não critiquemos o céu: a culpa disso é menos o calor do que ter faltado com tanta freqüência com o respeito para com os deuses veneráveis; é exatamente isto que perdeu e ainda perde tantas pobrezinhas: seus juramentos são escritos sobre a água e o vento. Ou então é Vênus atormentada por ser comparada a minha amada? Pois é uma deusa que não gosta das belas mulheres que são comparadas a ela. Ou então terás falado com desdém de Juno, terás pretendido que os olhos de Minerva não eram tão belos. Vocês nunca sabem medir as palavras, belas mulheres; suas desventuras se devem à sua língua e a sua beleza. Uma hora mais agradável num dia decisivo, não chegará menos para ti através de todos os acidentes de uma vida agitada. Io, que mudou de forma, primeiramente mugiu durante anos: esta água do Nilo que bebia como vaca, hoje ela bebe como deusa.² E Ino! Em seus primeiros anos, errou de terra em terra; hoje, é ela que os marinheiros imploram nos momentos de perigo com o nome de Leucotéia. Andrômeda tinha sido sacrificada aos monstros marinhos: tornou-se a esposa de Perseu, como se sabe. Calisto

(2) Este verso II, 28, 18 deve ser construído assim: *num (bibit) dea Nili flumina quae bibit vacca*. Exemplo banal de “eclipse inversa” (é o primeiro emprego da mesma palavra que está subentendido, e não o segundo) e de inclusão do antecedente (*Nili flumina*) na relativa.